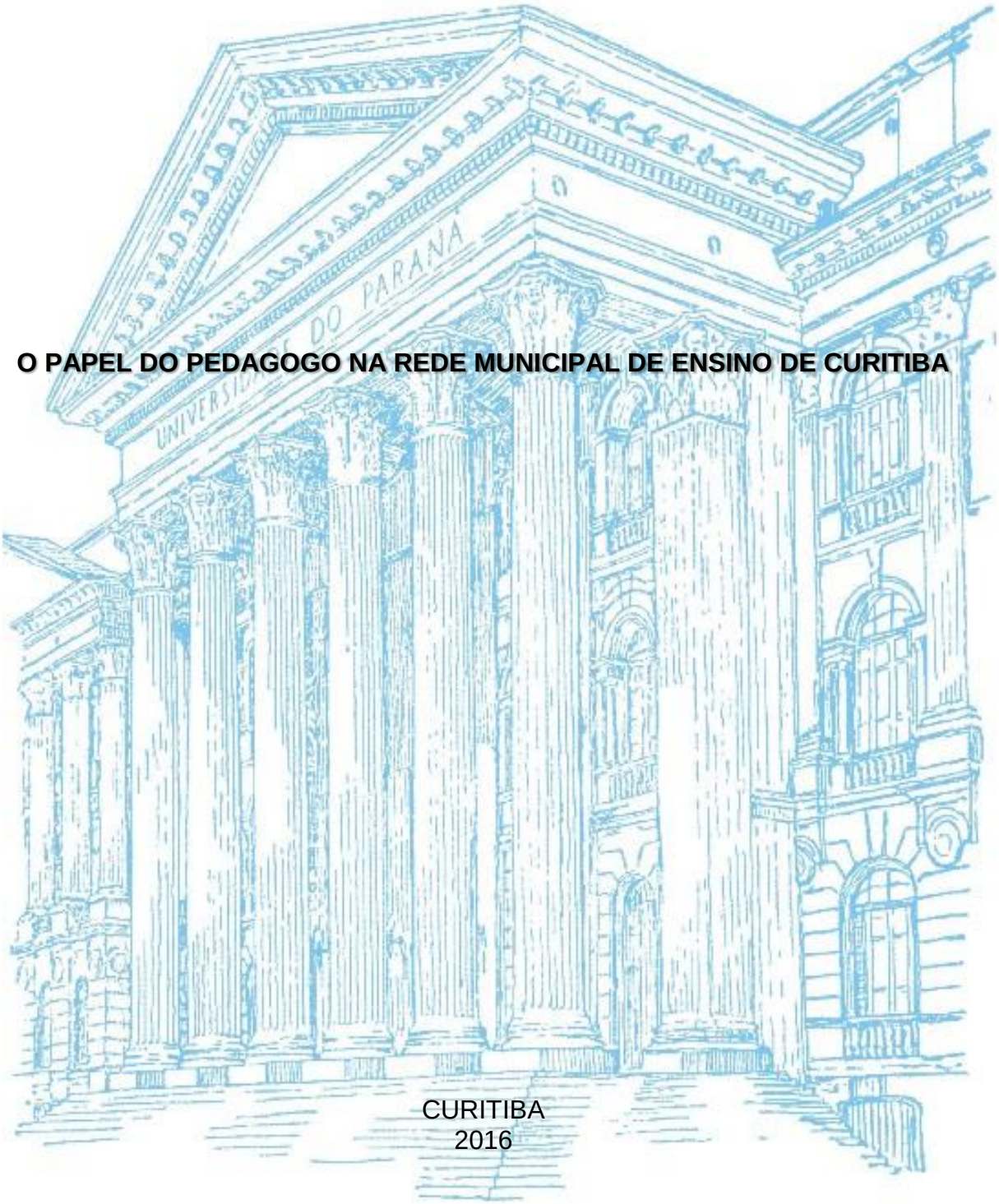
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVIA LETICIA DE JESUS CLEMENTE SEIDEL



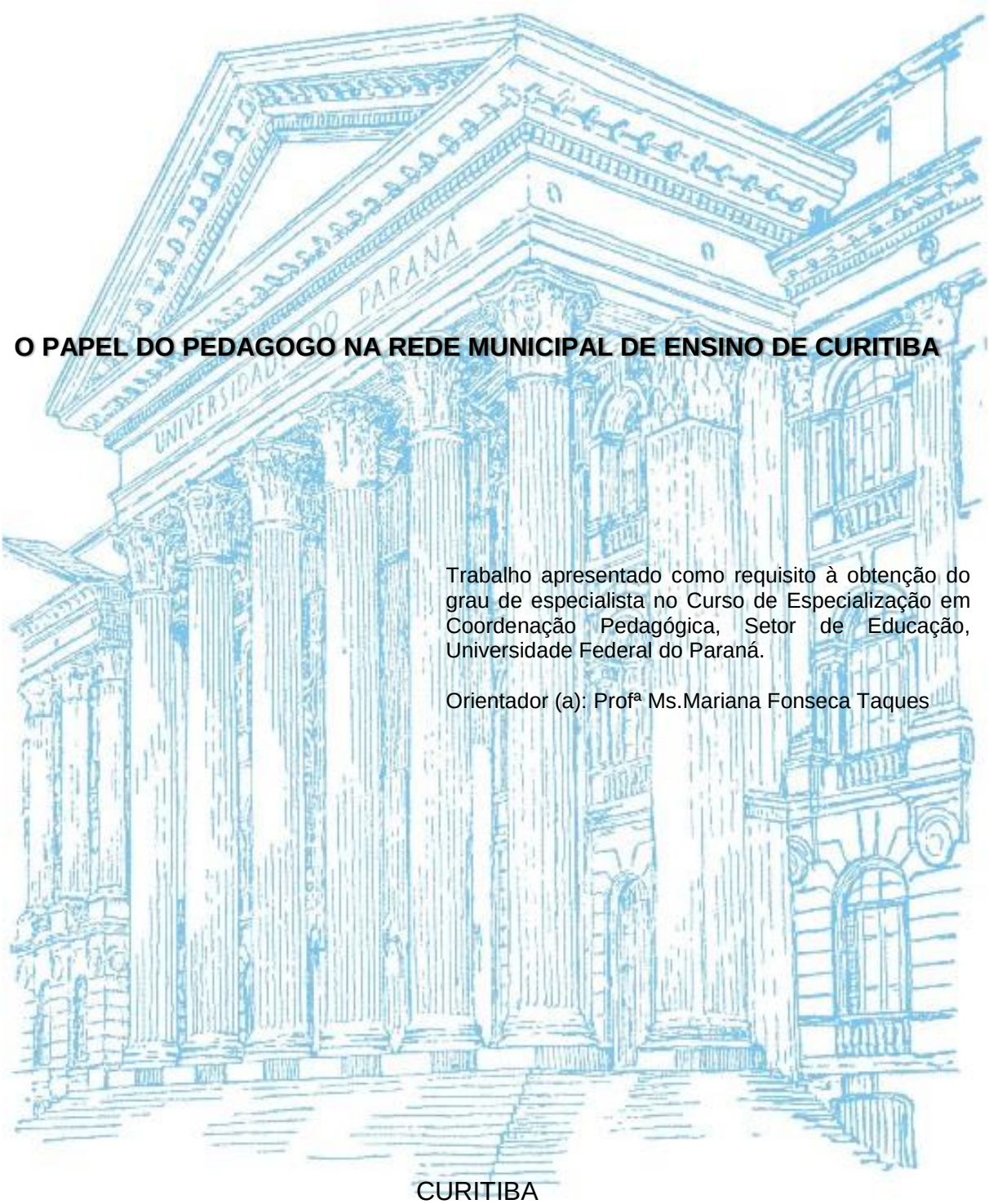
O PAPEL DO PEDAGOGO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

CURITIBA
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

SILVIA LETICIA DE JESUS CLEMENTE SEIDEL



O PAPEL DO PEDAGOGO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Profª Ms.Mariana Fonseca Taques

CURITIBA
2016

O PAPEL DO PEDAGOGO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CURITIBA

SILVIA LETICIA DE JESUS CLEMENTE SEIDEL*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a função do pedagogo, os desafios enquanto formador e a importância deste profissional para alcançarmos resultados satisfatórios na educação. Para isso precisa recuperar a identidade, conscientizar-se das atribuições e reconhecer-se como agente transformador capaz de contribuir de forma assertiva nos processos educativos. Para tanto, Almeida e Soares (2010) e Libâneo (2010) corroboram no resgate desta identidade e situam o pedagogo escolar em seu campo de atuação. No decorrer refletimos sobre o perfil profissional e os desafios enfrentados no cotidiano que, muitas vezes entravam o trabalho pedagógico. Abordamos ainda, a formação continuada como um dos momentos mais importantes do trabalho pedagógico com intenção de qualificar o trabalho docente levando-o a refletir sobre a prática. Neste sentido Placco (2011) aponta caminhos substanciais que auxiliarão na organização do trabalho pedagógico. Por fim, pedagogas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba puderam contribuir com apontamentos voltados ao cotidiano escolar em diferentes vertentes. Estas contribuições indicam o ponto de partida para políticas públicas voltadas a qualificação do trabalho do pedagogo escolar materializando assim, uma educação de qualidade.

Palavras-chave: pedagogo, identidade, formação.

*Artigo produzido pela aluna Silvia Leticia de Jesus Clemente Seidel do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Mariana Taques. E-mail: silvialeticia.seidel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O pedagogo tem papel fundamental na gestão pedagógica escolar dando suporte aos profissionais em prol da aprendizagem efetiva dos sujeitos. Sabemos que esta não é uma tarefa simples visto que, este mesmo profissional, ao longo do tempo, tem perdido sua identidade em meio a tantas tarefas a ele designado no ambiente escolar e fora dele.

Para Almeida e Soares (2010), ao ser introduzido no ambiente escolar, o pedagogo tinha duas funções distintas: Supervisor (que define, controla e acompanha o processo de ensino) com foco no atendimento ao professor; e Orientador voltado ao trabalho de atendimento aos alunos com dificuldades. Este princípio tecnicista foi revisto com as novas Diretrizes Curriculares do curso de Pedagogia em 2006.

No atual contexto, não há mais a formação baseada nestas habilitações específicas, mas a formação do Pedagogo unitário. Ainda assim, estas duas funções se fundem no cotidiano escolar.

Histórica e socialmente, a função do pedagogo é vista como um fiscalizador e controlador das ações docentes sendo, muitas vezes, rejeitado no seu próprio ambiente de trabalho permanecendo ainda hoje, o estigma de supervisor do trabalho docente. Esta crise de identidade tem gerado muitos conflitos e ocasionado perdas irreparáveis das possibilidades de crescimento profissional para ambos (pedagogo e docente). (ALMEIDA; SOARES, 2010).

Estas considerações a respeito da função são difundidas ao longo da história e tem causado grande desinteresse quando o assunto é carreira profissional.

Os cursos de Pedagogia (Libâneo 2010) têm valorizado muito mais a formação docente voltada para a sala de aula, com disciplinas didáticas e estágios supervisionados, do que a do pedagogo enquanto gestor pedagógico. Libâneo e Pimenta (1999) afirmam que poucos cursos de formação profissional formam pedagogos para a educação escolar (em geral coordenadores pedagógicos) e, aqui e ali, preparam os pedagogos para atuar em outros espaços sociais, a educação de jovens e adultos, os meios de comunicação, etc. Libâneo (2010) ressalta, ainda, que para compreender e se apropriar dos conhecimentos pedagógicos voltados ao trabalho do pedagogo, precisaria haver uma mudança de currículo nos cursos superiores que dessem conta desta área de atuação, colocando os estudantes de

Pedagogia em contato com a dinâmica do gestor pedagógico *in loco*, aproximando-o da realidade. Faz-se necessário pensar em estratégias que valorizem a formação deste profissional, sem desmerecer a docente, colocando-o em ação novamente e que, ao mesmo tempo acompanhe as constantes inovações pelas quais passa a sociedade atual.

Ouvimos falar tanto em educação atualmente e, em contrapartida, o que se vê é uma desvalorização desmedida e insensata. Diante destas premissas, exercer a função de pedagogo não é fácil, tampouco estimulante frente à realidade a que está inserido.

Portanto, esta pesquisa objetiva compreender a função do pedagogo, os desafios enquanto formador no espaço escolar e a importância deste profissional para alcançarmos resultados satisfatórios na educação. Teóricos renomados nos orientam neste estudo e reflexão acerca do papel do pedagogo no ambiente escolar e a formação continuada buscando ressignificar as ações pedagógicas contribuindo, assim para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Ou seja, a partir do momento que este profissional se reconhecer como agente transformador terá condições de contribuir de forma assertiva nos processos educativos. Precisa compreender que as escolhas refletem no cotidiano da escola e que, quanto mais próximo estiver do docente em momentos formativos, maior chance terá de alcançar seus objetivos.

O estudo debruça-se, ainda, na realidade escolar do Município de Curitiba coletando dados a partir de documentos oficiais e questionário enviado às pedagogas da SME (Secretaria Municipal da Educação) voltados ao cotidiano e à formação continuada, sem deixar de contextualizar este profissional historicamente.

Sabendo que o trabalho do pedagogo é problemático e que há uma urgência de compreensão deste papel, a busca por referencial teórico foi ampla a fim de conhecer e expandir a visão acerca deste profissional. O questionário também auxilia no processo de reflexão sobre a própria prática dando subsídio para se pensar em caminhos que levem a uma organização do trabalho pedagógico mais eficaz e ordenado. Sendo assim, o artigo busca, à luz dos autores, meios para que os profissionais se percebam como parte do processo de conquista de uma educação de qualidade e consiga lidar com os desafios diários sem perder de vista o processo educativo envolvendo toda a equipe escolar.

1. QUEM É O PEDAGOGO ESCOLAR?

1.1. O PERFIL DO PEDAGOGO ESCOLAR

Na atual conjuntura social, educacional e tecnológica em que a escola está inserida não há espaço para profissionais alienados e descompromissados com a aprendizagem. Almejam-se profissionais dinâmicos, flexíveis e ao mesmo tempo críticos, capazes de interagir e contribuir na transformação da educação. Neste sentido, faz-se necessária a figura do pedagogo no âmbito escolar a fim de qualificar o processo de ensino-aprendizagem.

Para Libâneo (2010, p.33)

> Por sua vez, pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definido em sua contextualização histórica.

Diante deste desafio é preciso que o pedagogo seja um mediador das aprendizagens articulando sempre a teoria com a prática pautada no trabalho coletivo.

Assim, considerando os limites e as possibilidades do trabalho no contexto escolar, o pedagogo é o profissional responsável pela articulação, organização e transformação pedagógica da escola. Essas ações requerem um profissional que planeje, decida, coordene, acompanhe, avalie e execute o trabalho pedagógico de forma a atender a todos os segmentos da escola, como organização aprendente (CURITIBA, 2012 apud FULLAN; HARGREAVES, 2000).

Vasconcellos (2009) diz que o pedagogo, à medida que organiza o trabalho pedagógico, discute e reflete com a equipe estratégias que visem à melhoria da qualidade do ensino-aprendizagem. Para tanto, vale-se de um documento precioso que, construído coletivamente, abre caminhos e norteia as ações em busca de objetivos comuns. É no Projeto Político Pedagógico da escola que fica evidente as concepções e ações bem como a identidade do grupo que ali atua. Referenda ainda, o papel da escola enquanto instituição social, para além da transmissão de conhecimentos. Neste sentido, o pedagogo é o sujeito articulador e mediador responsável pela formação docente garantindo que as decisões tomadas, democraticamente, sejam efetivadas em busca de um ensino e aprendizagem com a qualidade que os estudantes merecem. Serve como ponto de partida para a

construção do Plano de Ação definindo prioridades da escola a serem atingidas anualmente.

Para Clementi (2012) a dinâmica escolar exige do pedagogo resolução e mediação para os mais diversos problemas ficando então, em segundo plano, a formação docente, o acompanhamento pedagógico em sala e intervenções necessárias ao processo ensino-aprendizagem. Ressalta que para dar conta destas tarefas exige-se deste profissional um perfil criativo, dinâmico, autônomo, atuante e que seja capaz de tomar decisões rápidas e eficientes para atender as demandas cotidianas bem como organizar o tempo de modo a viabilizar a formação em serviço e a organização do trabalho pedagógico sem ser engolido pelas urgências diárias. Mas não é só isso!

Silva e Leite (2010) apontam que o pedagogo como membro do processo de democratização no interior da escola precisa estar preparado para atuar também, com os estudantes e suas famílias buscando informações sobre o que acontece com eles fora da escola e oportunizando, através das intervenções pedagógicas, o acesso a cultura acumulada historicamente.

1.2. DESAFIOS ENFRENTADOS PELO PEDAGOGO

Saindo da esfera de mediador e articulador dos processos ensino-aprendizagem ainda há outra problemática que o pedagogo enfrenta diariamente e tem sido pauta de longas conversas entre sindicatos e Secretaria de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Curitiba. O tempo para que este profissional polivalente se dedique ao estudo e à própria formação, no âmbito da escola, são raros, para não dizer inexistente. Enquanto os docentes tem sua permanência[1], o pedagogo precisa articular sua agenda para dar conta das leituras e estudos, atender aos docentes e estudantes, participar de cursos e formações, agendamentos com familiares, entre outros atendimentos que porventura surgirem.

> (...) pode o pedagogo, na atual circunstância ler a sua própria experiência e analisar suas intenções, se na maioria das vezes está envolvido com ações burocráticas e administrativas as quais podem muito bem ser executada talvez por um assistente administrativo que faça parte exclusiva da equipe pedagógica da escola? Que experiência, o pedagogo tem em sua real função de transformar a realidade social? A organização do trabalho

[1] Permanência ou hora-atividade-Carga horária, fora da sala de aula, destinada ao docente para estudos, planejamento, cursos de formação continuada entre outras atribuições.

> pedagógico, todos sabem, ainda “não permite” que o Pedagogo seja um estudioso, realmente um especialista em educação, que consiga dar o suporte necessário ao trabalho docente, tendo em vista o incansável trabalho com os discentes e os inúmeros projetos/levantamentos/relatórios/organizações de eventos, entre outros, que acontecem sempre a toque de caixa e recaem sempre sobre esse profissional (ZUKOWSKI 2008, apud GTR, 2008).

Contar com momentos de estudo e reflexão implica numa melhor abordagem nos processos formativos, tornando a formação continuada um excelente momento de aprofundamento dos conhecimentos e análises da prática resultando numa aprendizagem colaborativa. O pedagogo, mais do que nunca, precisa se colocar numa posição de aprendiz, pesquisador, reflexivo frente a uma sociedade em constante mudança. (PUC MINAS, 2012). Esta é uma lacuna ainda em efervescente discussão.

Conforme cita OLIVEIRA (2013, p.95)

> Em todas as atividades que desenvolvemos, o planejamento é essencial, o pedagogo necessita traçar um plano de trabalho para potencializar suas ações, somente com objetivos definidos é que conseguirá de fato percorrer caminhos viáveis para sua concretização.

Placco (2011, p.47) alerta que

> o cotidiano do coordenador pedagógico ou pedagógico-educacional é marcado por experiências e eventos que o levam, com frequência, a uma atuação desordenada, ansiosa, imediatista e reacional, às vezes até frenética...Nesse contexto, suas intencionalidades e seus propósitos são frustrados e suas circunstâncias o fazem responder à situação do momento, “apagando incêndios” em vez de construir e reconstruir este cotidiano, com vistas à construção coletiva do projeto político-pedagógico da escola.

Se a função do pedagogo não estiver bem delineada junto à equipe isso pode ser um complicador gerando falhas na formação continuada dos docentes. Para a obtenção de uma formação qualitativa, o pedagogo precisa construir um plano de ação consistente, sem perder o foco.

> Um plano de ação constitui-se como um conjunto de ações sistematizadas que visa a atingir metas[2] ou finalidades estabelecidas previamente. É uma forma de organização expressa em objetivos, ações, definição de responsabilidades e procedimentos, que contribui significativamente para a organização do trabalho pedagógico. O plano de ação do pedagogo deve estar articulado ao Projeto Político-pedagógico da escola, ao Regimento Escolar e ao Plano de Gestão Escolar, fundamentado no diagnóstico da realidade escolar. (CURITIBA, 2012, p.63).

[2] O termo “metas”, neste texto, não se refere a aspectos mensuráveis quantitativamente; está sendo utilizado no sentido de objetivos amplos ou finalidades, definidas previamente, com base no diagnóstico da realidade escolar.

Sabendo disso, algumas reflexões se fazem necessárias a fim de compreender a importância do plano de ação do pedagogo e que este seja bem sucedido.

Trata-se de um planejamento flexível e de extrema importância que viabiliza a organização do trabalho pedagógico resultante em uma formação de qualidade que contemple o coletivo e as especificidades. Estes registros desenham o percurso formativo do pedagogo dando visibilidade às aprendizagens dos professores e dele próprio, avanços conquistados em momentos de permanência, reuniões pedagógicas e demais momentos de diálogo e acompanhamento em sala de aula. Servem de base para análises e reflexões que gerem replanejamento constante das metas e ações. (Almeida e Soares, 2010).

Estas e outras especificidades no que tange o papel e a dinâmica de trabalho do pedagogo são de extrema relevância e ajudam a entender porque este profissional é tão necessário para a sociedade.

1.3. O PEDAGOGO E OS MOMENTOS DE FORMAÇÃO

Uma das esferas mais importantes de atuação do pedagogo diz respeito à permanência ou hora-atividade. Neste momento o docente sai de sala para estudar e planejar as aulas bem como articular junto ao pedagogo estratégias e caminhos que levem a aprendizagem efetiva dos estudantes.

É neste momento que o pedagogo e o docente discutem, refletem e analisam as ações pedagógicas voltadas ao processo ensino-aprendizagem e a uma educação de qualidade onde a formação em serviço se consolida. O papel do pedagogo vai além de apontar caminhos, de dizer o que é certo ou o que é errado, segue em direção à formação reflexiva do e com o docente impregnando de significado a prática em sala de aula, entendendo o conhecimento como provisório e necessário. Esta troca faz com que os envolvidos repensem e reorganizem o planejamento a fim de aprimorar o processo ensino-aprendizagem e construam novos saberes.

Para Garrido (2015, p.09)

> o trabalho do professor-coordenador é fundamentalmente um trabalho de formação continuada em serviço. Ao subsidiar e organizar a reflexão dos professores sobre as razões que justificam suas opções pedagógicas e

> sobre as dificuldades que encontram para desenvolver seu trabalho, o professor-coordenador está favorecendo a tomada de consciência dos professores sobre suas ações e o conhecimento sobre o contexto escolar em que atuam.

Haddad (2012) nos leva a refletir sobre os seguintes aspectos: será que estes momentos tão importantes para a construção do conhecimento coletivo realmente acontece no cotidiano escolar? Será que os pedagogos conseguem promover estudos de forma a garantir a reflexão e uma mudança significativa da prática em prol da aprendizagem? Estas indagações são importantes reflexões no sentido de fazer um paralelo com a realidade escolar. A autora trata de questões relacionadas a escolas estaduais do Paraná, entretanto, não está longe da forma como acontece no Município de Curitiba.

Segundo Haddad (2012, p.110)

> o papel do pedagogo na hora atividade é justamente estar possibilitando ao professor momentos de estudo que lhe deem possibilidades de repensar os problemas enfrentados na sua prática diária, pois somente a teoria, ou seja, o estudo, o conhecimento lhe dará possibilidades de transformar a sua prática.

Mas isso nem sempre acontece. O pedagogo ainda não conseguiu atribuir significado à função de modo que nem todos os profissionais conseguem exercê-la com clareza. Se perguntar a um pedagogo, ele certamente dirá em que consiste sua função, mas não consegue colocá-la em prática. Ora por resistência docente às orientações, ora por falta de tempo para vencer o excesso de atribuições ou ainda, a falta de formação adequada que lhe dê segurança para atuar frente às demandas diárias. Muitas vezes, a própria escola o vê como tarefeiro e figura capaz de resolver todos os problemas num tempo recorde. Os docentes buscam o pedagogo para ajudá-los a conter situações relativas à indisciplina em sala, realizar encaminhamentos médicos ou ainda, intervir junto à família a fim de sanar dificuldades ou problemas de aprendizagem e comportamento. É necessário e urgente superar isto!

Para que a construção do trabalho coletivo se efetive é necessário que o pedagogo crie vínculo com a equipe docente e se coloque como parceiro nesta empreitada.

Sobre isso Souza (2012, p.29) nos alerta:

> É preciso muito cuidado para abordar com os professores questões relativas à sua atividade docente. Não se podem apontar os erros diretamente, antes da construção de vínculos. Só quando os vínculos estão

> estabelecidos é que se torna possível lidar com as críticas, expor os não saberes, confrontar-se com as faltas.

Almeida (2012) enfatiza a importância do olhar sensível em relação ao grupo de professores visto que estes tem muita expectativa em relação à fala do pedagogo. A fala tanto pode ajudar, tranquilizar, dar segurança, oferecer pistas, como mostrar ameaça e causar tensão. Pode ser organizadora, sistematizadora do pensamento do professor ou bloqueadora; tanto pode destruir como fortalecer um relacionamento interpessoal.

1.4. ATUAÇÃO DO PEDAGOGO ESCOLAR NA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

A Prefeitura Municipal de Curitiba entende a função do pedagogo escolar como necessária para a organização do trabalho pedagógico. Sua atuação é fundamental na articulação dos processos didático-pedagógicos que se efetivam no cotidiano escolar, visando atingir os objetivos previstos no Projeto Político Pedagógico da instituição, contribuindo, dessa forma, para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. (CURITIBA, 2012).

Sobre isso Libâneo, Oliveira e Toschi (2010, p.373) discorrem:

> A coordenação pedagógica, desempenhada pelo pedagogo escolar, responde pela viabilização do trabalho pedagógico-didático e por sua integração e articulação com os professores, em função da qualidade de ensino. A coordenação pedagógica tem como principal atribuição a assistência pedagógico-didática aos professores, para que cheguem a uma situação ideal de qualidade de ensino (considerando o ideal e o possível), ajudando-os a conceber, construir e administrar situações de aprendizagem adequadas às necessidades educacionais dos alunos.

Entretanto, internamente, a função desenvolvida por este profissional ainda é alvo de muitas discussões, indagações e reflexões. Muito se discute sobre a área de atuação do pedagogo e, por mais que existam documentos norteadores, na prática as coisas ainda não funcionam a fim de garantir a formação e atuação efetiva dos profissionais. As demandas diárias acabam “desviando” a atenção do pedagogo que muitas vezes deixa de atender o docente para sanar conflitos relacionados à indisciplina em sala de aula, situações familiares que requerem urgência de atenção entre outras interrupções. E com isso, o processo de ação-reflexão-ação voltados ao planejamento e encaminhamentos para o avanço das aprendizagens fica deveras comprometido.

Em 2012, porém, após estudos e discussões em torno da função do pedagogo na rede com a participação de equipes do Departamento do Ensino Fundamental e pedagogas dos NREs (Núcleos Regionais de Educação), eclode o Caderno Pedagógico[3] “Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba”. Nele estão elencadas as atribuições voltadas ao profissional assim chamado Suporte Técnico Pedagógico (até 2015) ou Pedagogo escolar conforme Decreto nº 35/2016[4]. Este caderno tem como objetivo orientar e auxiliar o pedagogo na organização do trabalho pedagógico numa ação coletiva em busca de qualidade na educação.

O Caderno Pedagógico organiza o trabalho do pedagogo em diferentes vertentes (sociais, pedagógicas, filosóficas, políticas, formativas).

Neste processo de busca constante por uma educação de qualidade, o documento destinado aos pedagogos da rede traz em sua concepção a Formação Continuada como um momento de extrema importância para o desenvolvimento profissional dos envolvidos com a educação de Curitiba.

Segundo Nóvoa (CURITIBA 2012 apud NÓVOA 1995, p.70)

> a formação continuada objetiva propor novas metodologias e colocar os profissionais a par das discussões teóricas atuais, com a intenção de contribuir para as mudanças que se fazem necessárias, visando à melhoria da ação pedagógica na escola e, consequentemente, da educação.

Libâneo (2013, p.187) aborda a formação continuada como:

> Uma formação permanente, que se prolonga por toda a vida, torna-se crucial numa profissão que lida com a transmissão e internalização de saberes e com a formação humana, numa época em que se renovam os currículos, introduzem-se novas tecnologias, acentuam-se os problemas sociais e econômicos, modificam-se os modos de viver e de aprender, reconhece-se a diversidade social e cultural dos alunos.

Conforme orienta o caderno pedagógico “a formação continuada pode ser organizada em momentos formais e/ou informais” (CURITIBA 2012, p.70).

---

[3]Conforme descreve o Caderno, “na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, os profissionais ingressam via concurso público, com edital específico para atuação nas áreas de Docência I – (professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental) ou Docência II – (professor dos anos finais do Ensino Fundamental). Após integração ao Quadro Próprio do Magistério, para atuar como suporte técnico-pedagógico (pedagogo escolar), conforme prevê a Lei n.º 10.190/01 (CURITIBA, 2001) é possível realizar o procedimento de mudança de área de atuação, mediante prova escrita regulamentada por edital da Secretaria Municipal da Educação”. (CURITIBA 2012)

[4] O Decreto nº35/2016 aprova as atribuições, competência técnica de ingresso, requisitos e demais características inerentes ao cargo de Profissional do Magistério da Administração Direta. Vale lembrar que este decreto está em processo de discussão coletiva objetivando mudança na sua redação.

De acordo com Demaily (CURITIBA 2012 apud DEMAILY 1992, p.70)

> os momentos formais referem-se a cursos e programas sistematizados de formação que se efetivam fora dos locais de trabalho do profissional; os momentos informais referem-se às situações que ocorrem no cotidiano da escola e da sala de aula

No caso da RME[5], pode-se considerar

> como momentos formais a formação realizada por meio da participação em cursos, palestras, seminários, congressos, assessoramentos, Semana de Estudos Pedagógicos (SEP[6]), entre outros. Os momentos informais efetivam-se durante as permanências, reuniões pedagógicas, Conselhos de Classe, trocas de experiência, entre outros. (CURITIBA 2012, p. 70).

Estas situações formativas são comuns aos profissionais que trabalham na RME e visam à capacitação permanente, reflexiva e autônoma dos envolvidos. A oferta dos cursos e palestras ocorre conforme a necessidade da rede em consonância com as Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba e cada profissional pode escolher conforme a demanda da sua unidade educativa. Há também uma preocupação em utilizar experiências da própria rede, sempre que possível, para enriquecer e nortear o trabalho das escolas e CMEIs[7], tendo nestas uma possibilidade real e concreta de análise e reflexão sobre a prática.

Diante disso, o pedagogo se torna um elo importante neste processo de formação continuada como um disseminador de boas práticas e reflexões permanentes. Isto ocorre durante as permanências, reuniões pedagógicas, Conselhos de Classe, SEP e grupos de estudo.

A permanência (como é chamada na RME) é um dos momentos de maior aproveitamento no que diz respeito ao estudo e reflexão e troca de experiências entre docente e pedagogo. Em busca de qualidade no processo ensino-aprendizagem o pedagogo, sempre que possível, planeja, reflete, levanta hipóteses e as refuta em conjunto com o docente numa busca incessante para resolver os problemas encontrados na prática.

Neste circuito formativo, em 2016, foi implementado o PROFI [8] (Programa de Formação Integrada) no intuito de se criar uma rede colaborativa, construindo a

[5] RME- Rede Municipal de Ensino de Curitiba.
[6] SEP- Semana de Estudos Pedagógicos.
[7] CMEI- Centro Municipal de Educação Infantil
[8] PROFI- Este programa ainda está sendo experimentado e discutido com as equipes estando em constante avaliação e ressignificação. Sujeito a alterações de formato no segundo semestre de 2016. Toda a fundamentação teórica, bem como documentos norteadores estão em construção junto às equipes do Departamento de Ensino Fundamental e Núcleos Regionais de Educação.

formação com as equipes, e não para as equipes das unidades escolares. Toda a formação integrada pautará o planejamento e partirá das experiências dos/as profissionais da nossa rede, tematizando-as e discutindo-as, ou seja, articulando teoria e prática e construindo a práxis pedagógica, que modifica e cria e a realidade. (CURITIBA 2016).

O PROFI acontece quinzenalmente com foco formativo [9]na Língua Portuguesa e Matemática (encontros distintos) envolvendo as formadoras dos NREs, pedagogos escolares e docentes do 1º ao 5º ano das Escolas Municipais de Curitiba. Esta é uma tentativa de reunir o pedagogo e o docente num espaço de discussão, reflexão e construção do planejamento entendendo que no ambiente escolar, devido às urgências e interrupções diárias, nem sempre é possível estreitar vínculos. Está em andamento, paralelo a este, o PROFI Gestão, voltado às equipes diretivas da PMC [10] (direção e vice-direção das escolas) em encontros mensais.

A oferta de formação continuada pela mantenedora tem ganhado força e tem se estruturado para dar aos profissionais, suporte teórico suficiente para repensar a atuação dentro da escola. Contudo ainda não atinge o pedagogo com formação específica na área de atuação (gestão pedagógica).

Diante de tantos desafios o pedagogo não pode perder de vista a função dentro da instituição de ensino. Conforme nos aponta Barros (2014, s/n)

> Essa situação demonstra a necessária ressignificação e reconstrução do papel identitário destas profissionais. O coordenador precisa ter clareza dos seus propósitos e objetivos e um espaço de autonomia profissional que viabilize a realização de um bom trabalho.

1.5. O DIA A DIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESCOLAS DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Buscando verificar como as questões sobre o trabalho desenvolvido pelo pedagogo em relação à formação continuada nos momentos de permanência ocorrem no dia a dia das escolas, realizou-se pesquisa de campo com dez pedagogas[11] atuantes na Prefeitura Municipal de Curitiba, de diferentes NREs, a fim de levantar dados sobre aspectos da atuação profissional. Efetivou-se com o envio

[9] Escolhidos mediante resultados das avaliações em larga escala (Prova Brasil, Provinha Brasil e ANA).
[10] PMC- Prefeitura Municipal de Curitiba.
[11] Mulheres na sua totalidade.

de um questionário, elaborado pela pesquisadora, com perguntas voltadas ao trabalho pedagógico e formação destas profissionais.

Assim sendo, o primeiro dado diz respeito à formação acadêmica, sendo todas as profissionais graduadas em Pedagogia. Duas delas possuem Magistério em Nível Médio e das dez, apenas cinco são pós-graduadas (Psicopedagogia, Educação Inclusiva, Educação Infantil).

O tempo de função varia entre 3 e 13 anos e estão atuando na mesma escola entre 2 e 23 anos. Em relação ao tempo de Rede são relativamente novas na função, atuando anteriormente como docentes.

Todas as profissionais ingressaram na função por meio de concurso interno ofertado pela Prefeitura Municipal de Curitiba via edital de Mudança de Área de Atuação. Este é um dos itens do questionário que gera descontentamento visto que, uma vez realizada a mudança de área de atuação, não é possível retornar à função docente. Ainda assim, das dez pedagogas que responderam as perguntas, apenas quatro demonstram vontade em retornar as suas atividades como docente e criticam a forma como o edital regulamenta esta transição. Acreditam que não deveria ser vedado o retorno do pedagogo à função docente visto que o salário continua o mesmo em relação aos que atuam em sala. Relatam que o trabalho do pedagogo é solitário não aparecendo os frutos, pois, atira-se para todo lado sem focar no que realmente interessa. Fica na superficialidade. Em sala de aula nos deleitamos dia a dia com a aprendizagem dos estudantes tornando este espaço uma fonte de satisfação.

Em relação às formações ofertadas pela mantenedora, as pedagogas participam ativamente sempre que possível e a organização da escola permite. Atualmente participam do PROFI, PNAIC[12], Encontros de Formação na Educação Infantil e Formação de Formadores (Avisa Lá[13]), Educação Inclusiva, além dos cursos voltados a outros componentes curriculares, palestras, eventos e seminários ofertados pela SME. Diante de tantas possibilidades formativas, nem sempre é possível participar como gostaríamos, sendo necessário realizar escolhas conforme a necessidade da escola ou do grupo de docentes. Um dos motivos diz respeito ao

[12] PNAIC Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

[13] O Instituto Avisa Lá é uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, com finalidade pública. Desde 1986, vem contribuindo para qualificar a prática pedagógica das redes públicas de Educação Infantil. A partir de 2002 passou atuar também no Ensino Fundamental (séries iniciais) nas áreas de leitura, escrita e matemática. Tem parceria com a Undime e patrocínio do Instituto C&A.

grande contingente de tarefas que chega à escola por parte da Secretaria Municipal de Educação, além das demandas relativas ao cotidiano escolar. Isso implica também num menor tempo disponível para as formações com os docentes (permanências, por exemplo).

Desta forma as pedagogas que responderam ao questionário evidenciaram diferentes maneiras de se organizar, ou não, em relação às formações no ambiente escolar. Das dez profissionais envolvidas na pesquisa, quatro relatam que as formações são priorizadas mensalmente com temas de acordo com as demandas e necessidades dos docentes com estudo de textos, análise de cadernos de alguns estudantes, portfólios e do planejamento do docente refletindo sobre a prática. Para outras quatro profissionais, as formações ocorrem em diferentes situações conforme a especificidade da escola. Uma delas trabalha em um CEI, onde a dinâmica de trabalho é diferente da escola regular. Relata que até então, conseguia organizar as formações com os docentes em horários diferenciados. Entretanto, salienta que por conta do PROFI tem encontrado dificuldades para estar com os docentes com frequência na escola. Ainda assim, foca em momentos esporádicos de estudo e reflexões.

Uma das profissionais, contudo, considera a permanência algo difícil de materializar na escola. A extensão da carga horária relativa à permanência (33%) não flexibilizou os momentos de formação. Os docentes continuam encontrando desculpas para evitar esta prática. Acreditam que a permanência tem a função de organizar materiais, planejar suas aulas, trocar figurinhas com os colegas e quando a pedagoga chega tem mil desculpas para não escutá-la. Várias tentativas foram feitas para aprimorar a formação com textos e práticas lúdicas, lanches e até prêmios. Mesmo assim, não há envolvimento da equipe.

Outra pedagoga descreve que tem priorizado uma permanência mensal para estudo e aprofundamento no foco formativo, conforme necessidade da equipe (neste ano o Autismo tem sido pauta frequente). Mas é pouco tempo! Ressalta também que grande quantidade de turmas que atende (nove do Ensino Fundamental e uma da Educação Infantil) aliada a demanda de trabalho dificulta a priorização dos momentos de formação. As tentativas de articular a formação com os encontros nos núcleos nem sempre ocorrem. Acreditamos que isso acontece pela demanda de tarefas e crescentes saídas do pedagogo para os cursos, em especial o PROFI.

Ainda assim, considera o PROFI um apoio para as trocas de experiências com os docentes.

As profissionais consideram que as formações são difíceis de programar, sendo necessário utilizar-se de momentos variados (formal ou informalmente) para realizar os estudos. Conseguem priorizar as formações sempre que possível utilizando as reuniões pedagógicas e as permanências para o estudo e reflexão, pesquisas, repasse de informações e sugestões dos NREs aos profissionais. De modo informal, ocorrem sempre que a pedagoga percebe a necessidade do docente ou que este a solicita, atendendo-o prontamente.

No que diz respeito às dificuldades encontradas para organizar as formações as profissionais citam a demanda excessiva de tarefas sem levar em consideração as diferentes modalidades (Ensino Fundamental, Educação Infantil, Inclusão, sala de Recursos Multifuncionais, Classe Especial), documentação, as frequentes interrupções do trabalho pedagógico (falta de respeito com o pedagogo), prazos curtos a serem cumpridos advindos da Secretaria Municipal de Educação e NREs, cursos, FICAs[14] (Ficha de Comunicação do Estudante Ausente), sondagens e encaminhamentos de estudantes, elaboração de avaliações internas, avaliações em larga escala, Conselhos de Classe, avaliações de rendimento escolar, documentação de estudantes, atendimento às famílias, conflitos, enfim, tudo isso se resolve no Setor pedagógico e com registros intermináveis em atas. Falta de tempo para que o pedagogo possa estudar e se preparar para atender os docentes e discentes também é um complicador. Sem estudo caímos no senso comum. Falta tempo para um olhar criterioso em relação à adequação de materiais para os estudantes com dificuldade ou problemas de aprendizagem. Quando tudo parece dar certo, os docentes marcam consulta ou adoecem e pegam atestado médico. Parceria com a direção é importantíssimo segundo uma das pedagogas. Nos falta valorização já que não temos carreira e nem formação específica na Prefeitura Municipal de Curitiba, os rendimentos são os mesmos do docente. Temos bem claro a função do pedagogo, o que complica é o número reduzido de profissionais para tamanha demanda. São muitas atribuições e pouquíssimo tempo para executá-las com a qualidade que gostaríamos. O sentimento aqui é de frustração!

[14] Esta ficha é preenchida sempre que o estudante atinge um determinado número de faltas (5 consecutivas ou 7 alternadas) em parceria com o Conselho Tutelar a fim de garantir o acesso à educação e a permanência do estudante na escola. Todavia, só será efetiva se esgotadas todas as ações da alçada e responsabilidade da comunidade escolar.

Mas, conforme permanecemos na escola, os laços afetivos são estreitados favorecendo a prática pedagógica. A confiança e parceria estabelecida entre e com os profissionais é reconfortante. A oferta de mais profissionais talvez diminuísse a sensação de frustração presente nas escolas. Ajudaria se houvesse uma definição clara acerca da função do pedagogo e que as equipes diretivas respeitassem estas atribuições sem sobrecarregar ainda mais este profissional mantendo objetivos únicos de trabalho. Uma das profissionais sugere a separação entre supervisão e orientação em busca de um foco qualitativo.

Os dados analisados ajudam a compreender, parcialmente, a dinâmica de trabalho destes profissionais e como acontecem no cotidiano escolar. Transparece ainda a grande demanda de trabalho que desvia o pedagogo de suas atribuições acarretando uma confusão na organização do trabalho pedagógico. Revela também a necessidade de planejamento, rotinas de trabalho e que estas se mostrem flexíveis e eficazes, visto que, estamos falando e lidando com pessoas.

Primeiramente é importante corroborar a importância do papel do pedagogo nas instituições escolares e que, segundo Orsolon (2012), este se veja como um dos atores que compõem o coletivo da escola. Neste sentido, a autora enfatiza que:

> Para coordenar, direcionando suas ações para a transformação, precisa estar consciente de que seu trabalho não se dá isoladamente, mas nesse coletivo, mediante a articulação dos diferentes atores escolares, no sentido da construção de um projeto político-pedagógico transformador. (...) Assim, as mudanças são significativas para toda a comunidade escolar, de maneira que as concordâncias e discordâncias, as resistências e as inovações propostas se constituam num efetivo exercício de confrontos que possam transformar as pessoas e a escola. (2012, p.10).

Como afirma Almeida e Soares (2010) historicamente o papel do pedagogo foi fragmentado seguindo princípios empresariais condizentes com a época. No contexto dos anos 1990 o papel do pedagogo é redesenhado unificando as duas funções (supervisor e orientador). Entretanto, ainda hoje essas funções se expressam nas ações que o pedagogo realiza em relação aos professores e alunos no dia a dia escolar. Sendo assim, tendo o PPP como eixo articulador do trabalho educativo é o que garante a articulação entre as funções supervisora e orientadora do pedagogo escolar e, portanto o norte do trabalho a ser desenvolvido por esse profissional. É necessário superar esta fragmentação e ter como fundamento da formação integral do pedagogo o trabalho pedagógico escolar.

É importante que o pedagogo crie mecanismos de organização do trabalho pedagógico, assuma sua função de formador, estabeleça parcerias, propicie situações desafiadoras a fim de que se torne, de fato, um agente transformador de si mesmo e, consequentemente, da realidade escolar. (ORSOLON, 2012).

Segundo Clementi (2012, p.56), a falta de clareza do que significa ser um formador de professores, a falta de conhecimento do que seja a construção e a vivência do projeto pedagógico são fatores que intervêm em sua atuação.
Clementi (2012, p.65) explicita ainda que:

> Cabe ao próprio coordenador, também, (re) valorizar sua função, vendo-se como um profissional que tem um compromisso político com a instituição e com a sociedade e não pode se isentar, acomodando-se diante das dificuldades impostas pelos sistemas. Mas isso só será possível se, em sua formação específica, inicial ou continuada, ele puder desenvolver a consciência de sua função, para que, tendo clareza dela, valorize-a e saiba quando e como intervir.

Diante de tantas desventuras e fragilidades explicitadas pelas pedagogas da RME, é preciso encontrar meios para organizar o trabalho pedagógico de maneira que haja maior aproveitamento das ações cotidianas sem perder tempo com demandas desnecessárias sem desconsiderar a realidade escolar.

Conforme enfatiza Placco (2011, p.48),

> Dado que o trabalho do coordenador pedagógico-educacional visa ao melhor planejamento possível das atividades escolares, faz-se necessário que ele seja capaz de analisar suas ações, no dia a dia, identificando quais aspectos – e em que medida – podem e devem ser aperfeiçoados e organizados melhor.

Organizar esta rotina não é uma tarefa simples, exige do pedagogo planejamento, atitude, postura profissional, ética, entre outros atributos.

Antes de qualquer coisa é preciso ouvir, observar, acompanhar e colaborar com a equipe para que os saberes sejam alargados e os caminhos promissores. Conforme nos explicita Clementi (2012) conversar com o professor “é um trabalho que dá muito trabalho!”.

Bruno e Christov (2015) discorrem sobre a importância do aproveitamento e organização do tempo oportunizando aos docentes momentos de avaliação da prática, trocas de experiências com os colegas, discussões, estudos e aprofundamento de conhecimentos. Muitos profissionais reclamam do tempo perdido e mal organizado tornando estes momentos (reuniões pedagógicas, permanências,

etc) exaustivos e sem propósito. Esta rotina planejada se faz necessária a fim de ajudar as equipes a crescer na elaboração e efetivação conjunta do projeto político-pedagógico, estreitar laços comunicativos, manifestando dúvidas, dificuldades, problemas, bem como acertos e descobertas. Isso exige do pedagogo liderança e planejamento sendo, estes aspectos, capazes de fortalecer a confiança em si mesmo.

A fim de ultrapassar as barreiras da rejeição e sabendo que o confronto com a mudança não é algo tranquilo nem ocorre sem resistências, o pedagogo precisa entender melhor os docentes e os outros profissionais com quem trabalha como aprendem e se relacionam com sua aprendizagem e com a aprendizagem dos alunos. (PLACCO, 2011).

Como enfatiza Bruno (2011, p.71)

> A questão da mudança constitui uma das temáticas essenciais em educação, pois educar é antes de tudo alimentar a esperança de que o outro e nós mesmos podemos mudar ampliando nossa possibilidade de convívio e de conhecimento sobre o real.

Os apontamentos das profissionais sugerem um tempo de mudança e citando Cortella (1998, p.136) “A escola pode, sim, servir para reproduzir as injustiças, mas, concomitantemente, é também capaz de funcionar como instrumento para mudanças...”. Isso é o que move a educação.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa apresentada é possível compreender a complexidade do trabalho desenvolvido pelo pedagogo escolar tendo em vista uma identidade profissional que ainda não está bem definida. Sob o enfoque histórico são necessárias mudanças curriculares e de concepção que possibilitem uma articulação coesa entre teoria e prática a fim de qualificar o trabalho pedagógico desenvolvido na escola. Entretanto, uma boa formação inicial e continuada não é o suficiente para que se alcance uma educação de qualidade. É preciso, também, de investimento por parte da Mantenedora (PMC) no que tange a carreira e dimensionamento destes profissionais. A dinâmica de trabalho precisa estar em consonância com o documento norteador da escola (PPP), com o grupo que ali se constitui, viabilizando um espaço permanente de aprendizagem coletiva. Nessa perspectiva, é preciso se reconhecer como mediador, articulador e formador abrindo caminhos para a mudança. Contudo, os relatos das pedagogas demonstram

fragilidades que requerem medidas no sentido retomar suas ações diárias repensando e restaurando a sua organização. É necessário, ainda, que a equipe escolar compreenda que o pedagogo não trabalha sozinho e que a função exercida por ele perpassa pela colaboração e comprometimento de todos numa perspectiva democrática. O objetivo aqui, não é indicar soluções e sim, refletir sobre que caminhos seguir a partir das especificidades de cada escola.

> (...) ao sermos capazes de lutar pelas importâncias de nosso trabalho, organizar nossas rotinas, interromper quando necessário, “agir nas urgências e decidir nas incertezas” (Perrenoud), sejamos capazes de construir e ampliar – nós mesmos e em nós mesmos – a consciência de nossa sincronicidade. (PLACCO, 2012. p. 59).

Sendo assim, é preciso fortalecer o trabalho pedagógico e transformar o espaço escolar num ambiente de constante aprendizagem coletiva. Tomar decisões a fim de abdicar gradativamente das funções meramente burocráticas e desvinculadas do propósito pedagógico. É uma mudança de postura que leva tempo e não é solitária, precisa ser construída no coletivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de; SOARES, K. C. D. **Pedagogo Escolar: as funções supervisora e orientadora**. Editora Ibpex, 2010.

ALMEIDA, L. R. **O relacionamento interpessoal na coordenação pedagógica**. In.:ALMEIDA, L. R., PLACCO,V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**.10.ed. São Paulo: Edições Loyola,2012.

BARROS, S.; EUGENIO, B. G. **O coordenador pedagógico na escola: Formação, Trabalho, Dilemas**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 4, número 16, novembro de 2014. Disponível em: http://www.faceq.edu.br/regs

BRUNO, E. B. G; CHRISTOV, L. H. S. **Reuniões na escola: oportunidade de comunicação e saber.** In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R.; CHRISTOV, L. H.S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** 13ª Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

CLEMENTI, N. **A voz dos outros e a nossa voz**. In: ALMEIDA, L. R.; PLACCO, V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola,2012.

CORTELLA, M. S. **Escola e conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos.** São Paulo: Cortez, 1998. In.:ALMEIDA, L. R., PLACCO,V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.**8.ed. São Paulo: Edições Loyola,2011.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. ***Caderno pedagógico*: subsídios à organização do trabalho pedagógico nas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba**. 2012. In: FULLAN, M.; HARGREAVES, A. **A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade.** (2a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. ***Caderno pedagógico*: subsídios à organização do trabalho pedagógico nas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba**. 2012. In: NÓVOA, A. ***Os professores e sua formação*.** Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1995. p. 15-33.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. ***Caderno pedagógico*: subsídios à organização do trabalho pedagógico nas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba.** 2012. In: DEMAILLY L.C. Modelos de formação contínua. Os professores e a sua formação. 1992.

_____. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. Apresentação do Programa de Formação Continuada (PROFI)**,** 2016.

EDUCAÇÃO, DOCÊNCIA E GESTÃO: **A pedagogia em debate.** Ensaios 1ªed.Minas Gerais: PUC Minas, 2012. Disponível em: www.pucminas.br/pedagogia.

GARRIDO, E. **Espaço de formação continuada para o professor – coordenador**. In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R. de; CHRISTOV, L. H.S. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e a formação docente.** 13ª Ed. São Paulo: Loyola, 2015.

HADDAD, C. R. **A hora atividade: espaço de alienação ou de humanização do trabalho pedagógico?** –Curitiba: 2012. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Tuiuti do Paraná.

LIBÂNEO, J.C; OLIVEIRA, J.F; TOSCHI, M.S. **Docência em Formação- Educação Escolar: Políticas, estrutura e organização**. 9. ed. São Paulo:Cortez,2010.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, J.C; PIMENTA, S.G. **Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. 1999.**

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Heccus, 2013.

OLIVEIRA, J. S. **O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar**. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues.** ANO I - Edição I - Janeiro de 2013.

ORSOLON, L. A. M. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In:** ALMEIDA, L. R., PLACCO, V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola,2012.

PLACCO, V. M. N. S. **O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola**. In.:ALMEIDA, L. R., PLACCO,V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.**8.ed. São Paulo: Edições Loyola,2011.

SILVA, M. R. S; LEITE, S. R. M. **Trabalho e Educação: implicações do mundo de trabalho na formação de pedagogos - aproximações**. 2010. Disponível em: http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-. Acesso em: 19/02/2014.

SOUZA, V. L. T. de. **O coordenador pedagógico e a constituição do grupo de professores**. In.:ALMEIDA, L. R., PLACCO,V. Mª N. de S. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança.**10.ed. São Paulo: Edições Loyola,2012.

VASCONCELLOS, C. dos S. **O Coordenador Pedagógico na Escola.** Disponível em: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=53&idCategoria=8 (acesso em 03/07/16).

ZUKOWSKI, M. C. da S. **O SABER E O FAZER DO PEDAGOGO COMO AGENTE TRANSFORMADOR**. PDE /2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2236-8.pdf. Acesso em: 22/04/2016.